

## **Roda de Conversa: Cultura para a sociedade**

Documento Síntese – Versão 1 (02.dez.2013)

**Local do Evento:** São Paulo

**Data:** 21 de novembro de 2013

**Horário:** 14h30 – 18h30

### **Expositores:**

- Sr. Renato Janine Ribeiro: professor titular de Ética e Filosofia Política na Universidade de São Paulo (USP). Foi diretor de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) entre 2004 e 2008.

**Apresentador:** João Paulo Capobianco: Presidente do Conselho Diretor do Instituto Democracia e Sustentabilidade – IDS.

### **Presentes:**

Conselheiros do IDS: João Paulo Capobianco, Gisela Moreau, Maria Alice Setúbal e Guilherme Leal.

Equipe do IDS: Daniela Ades, Fabio de Almeida Pinto, Felipe Staniscia, Juliana Cibim, Mariana Vilhena Bittencourt e Eduardo Alves Lazzari.

### **Convidados Presentes:**

Felipe Mateos

Flavio Mindelli

Rose Losacco

Marcela Morais

Tania Zaccharias

Suzana Machado Pádua

João Rafael Morette Macedo

Rosana Ades

José Gustavo Favaro Barbosa Silva

## INTRODUÇÃO

O Instituto Democracia e Sustentabilidade – IDS promoveu, no dia 21 de novembro de 2013, a Roda de Conversa sobre a Cultura para a Sociedade, visando subsidiar a construção de diretrizes e propostas para o tema, no âmbito do eixo “*Cultura e Fortalecimento da Diversidade*”, da Plataforma Brasil Democrático e Sustentável. O evento, apresentado por João Paulo Capobianco, presidente do IDS, contou com a exposição do Professor Renato Janine Ribeiro.

O professor começa resgatando dois sentidos da cultura. O primeiro deles é relacionado ao ócio. Esta noção ficou, ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX, restrita às elites. Essencialmente, este sentido de cultura relacionada ao ócio era privilégio das elites, pois apenas aqueles que dispunham de tempo livre poderiam se dedicar a algo além do trabalho. Em resumo, poderiam se dedicar à atividade lúdica, divertida e prazerosa.

Ademais, estava fora do alcance do restante da sociedade, porque muitos se encontravam presos a horas intermináveis de trabalho, sem férias ou descansos semanais. Os dias de hoje são os primeiros em que se garante o acesso a essas atividades lúdicas para diversos setores da sociedade, extrapolando, portanto, as elites.

O outro sentido é o antropológico. A cultura é o conjunto de significados que um determinado grupo social atribui às práticas, coisas, ações, instituições, etc. Nesse sentido, a mesma prática pode ser vista numa sociedade como elementar. Ao passo que em outra, completamente irrelevante.

Destaca-se que hoje, as condições para a diminuição da desigualdade entre as pessoas estão avançando. No entanto, Renato Janine Ribeiro sustenta que a sociedade brasileira vê esse movimento com muita dificuldade. Afinal, existem setores da sociedade brasileira, notadamente a classe média, que veem com aversão esta transformação que aproxima setores até então marginalizados e os permitem desfrutar do que uma vez fora privilégio dos setores mais abastados. Isso representa um avanço da diversidade, ou seja, culturas muito diferentes entre si passam ao centro dessa sociedade.

Retomando o que colocara anteriormente, se Renato Janine Ribeiro associa cultura ao ócio, por conseguinte, há de serem feitas ressalvas na relação entre cultura e negócio ou na chamada economia da cultura.

A origem etimológica da palavra negócio é elucidativa disto. O negócio é o “não ócio”, significando, para os propósitos de sua exposição, a impossibilidade de se refletir de forma retida sobre o mundo. Nesses termos, o negócio – ou não ócio – visa o lucro, não o bem social, se afastando, portanto, de um aspecto da cultura.

O ócio foi, por sua vez, reduzido a uma atividade pejorativa, atrelado à perda de tempo ou, em algumas vezes, de dinheiro. O risco que se apresenta com esse cenário é que rebaixemos as expectativas de uma atividade, como a cultura, que pressupõe a crítica ou certo caráter

revoltoso. Caberia ao poder público contrapor-se a essa tendência, que imputa à cultura o imperativo de gerar lucro.

## **PARTE I – Exposição**

### **Renato Janine Ribeiro**

O expositor inicia sua fala definindo dois significados pra cultura. O primeiro significado é de longe o mais comum, cultura tem a ver com o domínio de um conhecimento sobre as artes, a literatura e filosofia, por exemplo. Sobre aquilo que, em geral, faz parte de um mundo não utilitário. Ou seja, a pessoa culta é, em princípio, uma pessoa que não tem, necessariamente, conhecimento sobre coisas de ordem prática, é algo alheio à profissão.

Nesse sentido, a cultura está ligada a uma ideia de elite, a uma ideia do que seria o "gentleman", aquele que tem uma "boa conversa", cuja arte deve ser justamente evitar falar de qualquer assunto relacionado a profissão ou negócios. Dessa forma, o domínio desta arte – e, por conseguinte, o reconhecimento do quão culto determinado indivíduo é – era visto como uma virtude. Logo, o indivíduo dotado de conhecimentos não utilitários e com tempo para dedicar-se ao ócio era valorizado.

Entretanto, atividades não utilitárias, a despeito de sua utilidade, foram reduzidas, ao longo dos séculos, a atividades basais, sem a menor importância. O ócio deixou de ser visto, portanto, como uma opção para o aprofundamento da condição humana. Hoje, o ócio é o oposto do pensar.

Vale lembrar que o termo "negócio" também sofreu profundas transformações ao longo desse mesmo período. De tal forma que o negócio tomou o centro da vida dos indivíduos e submeteu o ócio, transformando-o em excedente de tempo livre, em que, grosso modo, não sabemos o que fazer com ele.

Paradoxalmente, nunca existiram, como hoje existem, condições para que pessoas fora da elite, se sirvam deste tempo livre para meditar e refletirem, aprofundando a condição humana. Em outros termos, o ócio de alguns era, outrora, garantido pelo sistema escravagista, ao passo que, atualmente, os indivíduos dispõem de períodos dedicados exclusivamente a atividades lúdicas.

A pessoa de elite era uma pessoa que via na cultura um adorno, um enfeite. A cultura era algo que completava a constituição do indivíduo ou como pessoa superior a outras; que por ter lazer conhecia as melhores obras, as melhores músicas e dominava a arte da conversa. Parafrazeando Renato Janine Ribeiro: "a cultura era um estoque de conhecimento, um brasão".

O segundo sentido da palavra cultura é aquele que algumas décadas atrás, nossa sociedade considerava "coisa de especialista". É o sentido antropológico da palavra cultura. Cultura é, nesse sentido, o conjunto de significações que uma sociedade ou um grupo atribui a atos, coisas, instituições, entre outros.

Nesse sentido, nós podemos ter o mesmo objeto e ele pode ter significados diferentes conforme a cultura em que estamos. Por exemplo, apontar com o pé para uma coisa não é tão usual, porque é incômodo, mas apontar com o pé para pra nós, não traz nenhuma carga negativa. No budismo, fazer isto é um sinal de desprezo, uma vez que para os budistas, há uma hierarquia do corpo em que a cabeça é o mais elevado e o pé é o mais vulgar.

Assim sendo, se cultura, num primeiro sentido, estabelece uma distinção entre o mundo dos cultos e o mundo dos incultos, entre o mundo da elite e o mundo dos que não tem acesso a nada, nos dias de hoje, esta é uma distinção que para de ter sentido, que começa a se valorizar cada vez mais esta cultura que era, até poucas décadas atrás, ignorada e que se torna fundamental. Quando uma pessoa é julgada como inculta, este não é um julgamento ou dado objetivo, é uma projeção do sujeito que analisa determinada sociedade de acordo com os parâmetros definidos por sua própria. Nós temos, então, nesses dois conceitos de cultura um espaço de conflitos.

Nesse momento, o expositor discorre acerca da estética da recepção. Isto é, a maneira com a qual um texto ou qualquer outro conteúdo cultural é modificado pelo receptor dessa mensagem cultural. Em suma, Janine expõe que esta mensagem será sempre modificada pelo receptor, pois sua apreensão é condicionada por seu universo cultural. Consequentemente, alguns atributos deste conteúdo serão suprimidos, ao passo que outros serão levados à cena. Esta transformação decorre das diferentes experiências culturais. Elucidativo disto é o fenômeno da tradução. Por mais fiel que ela tente ser, ela sempre será diferente de sua fonte original.

Por fim, Renato Janine Ribeiro encerra sua fala retomando a oportunidade única que existe atualmente para se universalizar o aspecto não utilitário e, portanto, lúdico da cultura. Dessa forma, julga existirem perspectivas promissoras para a cultura.

## **PARTE II - Debate**

### **1ª Rodada de Participação dos Convidados**

Maria Alice Setúbal, conselheira do IDS, estabelece o paralelo entre a necessidade de “se jogar conversa fora” no século XVII – que como exposto na fala de Renato Janine Ribeiro designa um sentido da cultura – e as conversas no mundo virtual. Sendo assim, Maria Alice Setubal questiona se o chat virtual é uma conversa. Outra pergunta feita pela associada do IDS se refere ao sentido antropológico da cultura, exposto por Janine. A associada problematiza a possibilidade de a nossa sociedade lidar, de forma eficiente e respeitosa, com a diversidade das culturas existentes no interior do Brasil, sobretudo aquelas indígenas em contato direto com segmentos da nossa sociedade alinhados à experiência cultural ocidental. Em suma, questiona-se a possibilidade de respeitar e preservar diferentes culturas, envolvidas em laços estreitos com outras que podem descaracterizá-la.

Renato Janine Ribeiro comenta sobre uma experiência que teve, ao utilizar de meios eletrônicos para disputar a presidência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC. Com o fim do processo, o expositor coloca que o balanço foi positivo e negativo. Primeiramente, foi positivo, pois se mostrou como um veículo eficiente de transmissão de

ideias. É, de fato, um espaço para compartilhamento de informações e que impactou positivamente no resultado final da campanha, embora ele não tenha vencido.

Por outro lado, a ferramenta não foi capaz de gerar discussão. Por mais que se discuta a possibilidade de uma reedição da *Ágora* ateniense, este é um espaço que permite a participação de todos, mas que não é utilizado. Não existe discussão. Não só não há discussão, como contribui para o florescimento do narcisismo na rede e não existe um raciocínio complexo: “é uma conduta de adesão incondicional de rechaço incondicional”. Dessa forma, para o mundo virtual e o chat virtual se constituírem como espaços de conversa, é fundamental um investimento educacional.

Respondendo à segunda pergunta, Renato destaca que a questão indígena é a principal no Brasil. Nossa sociedade é, em geral, culturalmente destrutiva, o que impõe grandes problemas, já que sociedades divergentes da nossa não são “consultadas” se querem ou não ser incorporadas. Um dos exemplos mais brutais de “aculturação” é a imposição de uma língua ocidental. De modo geral, o que podemos fazer é reduzir o dano.

Suzana Pádua, associada do IDS, complementa que o *ócio fora*, inicialmente, concebido como um momento idílico, mas como seu sentido foi subvertido em algo que envolve o consumo, o próprio *ócio* se tornou, portanto, algo insustentável. Nesse momento percebe-se a importância de que nossa cultura repense o *ócio*, reconhecendo sua importância e resgatando seu caráter reflexivo.

José Gustavo Favaro Barbosa Silva chama atenção para que não só populações indígenas sofrem um processo brutal de aculturação. O mesmo acontece com populações do interior do estado de São Paulo. Nelas, a cultura caipira é vista como algo retrógrado, antiquado.

Renato Janine Ribeiro destaca que este processo de aculturação é visto em várias situações. Como na elaboração de rankings universitários. Simbolizam, portanto, uma cultura ocidental que impõe padrões e regras a culturas divergentes. Uma das raízes desse processo é o pensamento iluminista. Com ele, emergiu a ideia de que o portador do saber vem de fora para iluminar as pessoas que até então estavam às cegas. Trazendo efeitos colaterais danosos.

A despeito de seus defeitos, deve ser retido do Iluminismo é a premissa de que o conhecimento é libertador. No entanto, faz-se necessário questionar quem o detém e quem é o usuário desse conhecimento.

Ao concluir, o professor sustenta que uma das coisas que a cultura traz de muito importante é a capacidade de reconhecer as suas experiências que estão fora do usual, lendo um livro, vendo um filme, conversando com alguém. Descobre-se qual o seu lugar. Se hoje existem condições únicas para que todos se dediquem à reflexão não utilitária, também foram explicitadas várias formas de nos encaixar na vida.

### **PARTE III – Encerramento**

#### **Pontos a serem discutidos futuramente**

- ✓ Como resgatar o sentido não utilitário da cultura a ponto de desassociar o ócio do “não-pensar”?
- ✓ Como diminuir a aversão que alguns setores da sociedade têm à maior amplitude que a cultura tem nos dias de hoje e terá futuramente?
- ✓ Como reduzir o dano do choque cultural que sempre tende para o acultramento e homogeneização cultural a favor da cultura ocidental?

#### **Consensos e conclusões que possam ser incorporados à Plataforma**

- ✓ O ócio foi associado ao “não-pensar”. Necessidade de resgatá-lo como momento para reflexão e aprofundamento da condição humana.
- ✓ As culturas, em seu sentido antropológico, atribuem diferentes valores aos mesmos fenômenos.
- ✓ Considerando a natureza da cultura, o poder público deveria contrapor-se ao imperativo da economia da cultura, pois esta desvirtua seu propósito elementar.
- ✓ O pensamento iluminista desconsidera a aquiescência que diferentes civilizações podem ter ou não em adotarem valores culturais ocidentais. Mas reconhece que o conhecimento é libertador.